



Próxima Reunião: 02/11/2014 - domingo às 16 h

## O ÚLTIMO CONCERTO (A Late Quartet)

Direção Yaron Zilberman (\*)

(\*) Poucas informações encontramos sobre o diretor. Nasceu em Israel, mudou-se jovem para Nova York, estudou Física, no MIT. Realizou dois filmes antes de *O Último Concerto*: *Sonata* (sem data) e o documentário *Marcas D'água* (2004).

## LIBERTEM ANGELA DAVIS

Documentários, muitas vezes, são um convite a revisitar a própria história dentro de um contexto maior. E essa foi a minha inspiração depois de assistir *Libertem Angela Davis* (Free Angela and all political prisoners), o segundo documentário da diretora Shola Lynch.

*Libertem Angela Davis* retrata a vida da filósofa e ativista norte-americana, militante do Partido dos Panteras Negras, Angela Davis, conhecida por seu profundo engajamento na defesa dos direitos humanos. E por que não dizer pelo cabelo black power que ostentava no início dos anos 1970, símbolo do poder negro.

Sua sobrinha, Eisa Davis, assume o papel da ativista no documentário que, em muitos momentos, é narrado pela própria Angela, hoje com 70 anos. Ela conta, com os olhos secos, como, aos 26 anos de idade, se tornou a mulher mais procurada dos Estados Unidos, acusada de conspiração, sequestro e assassinato em uma tentativa de fuga de presos, que levou à morte um juiz e quatro detentos; relembra os tempos de fugitiva, o cárcere solitário, revisita os sentimentos.

Angela Davis inspirou mulheres e negros de todo o mundo, para dizer o mínimo. E, ao final dos 102 minutos do documentário, não há como não ficar um gosto de... quero saber mais sobre essa história, sobre essa pessoa que viveu em um tempo no qual negros e brancos não dividiam sequer o bebedouro.

Li artigos de vários autores, busquei biografias da líder, olhei fotos e mais fotos, assisti entrevistas no Youtube e continuei com a sensação de incompletude. Em uma última tentativa de preencher essa espécie de vazio existencial, voltei ao cinema para assistir, mais uma vez, "Libertem Angela Davis".

### Como se fosse a primeira vez

Sem novidades nem surpresas. Eu já conhecia a história da personagem principal, a narrativa em primeira pessoa, guardava na memória falas e cenas... Mesmo assim, chorei grossas lágrimas, impactada e também nostálgica dos meus tempos de "militância ostensiva".

Impossível não lembrar amigos de luta que já partiram. Impossível não lembrar Adriana, a jovem que conheci na saída da sessão na primeira vez em que assisti o documentário. Impossível não lembrar sua generosidade, seu abraço. Adriana enxergou em mim a militante dos tempos de Angela Davis e agradeceu por todas as batalhas travadas para garantir respeito, inclusão e reconhecimento do povo negro. Me falou de nossas conquistas e das muitas pedras no nosso caminho.

É isso garota, como disse Angela Davis, depois de inocentada: não podemos simplesmente ir para casa, ainda há muito por fazer.

Adriana ostentava uma camiseta onde se lia: "Sou negra. Amo minha pele, meu cabelo e minhas origens africanas". Ela contou que sua mãe preocupou-se ao ler a frase na sua roupa. E ela (sem acalmar a mãe zelosa) deu a entender que estava pronta para enfrentar

qualquer problema. Eu era assim, "atrevida, ousada, impertinente", como dizia minha mãe, que também temia por mim.

Nostalgia juvenil. Nostalgia de um tempo em que acreditava ter o poder de transformar o mundo só com a minha garra, colocar literalmente a paz no lugar da guerra, o amor no lugar do ódio, a tolerância no lugar da ignorância, a democracia no lugar da ditadura...

Eu ainda acredito que posso mudar o mundo, mas hoje sou menos ansiosa. A evolução não dá saltos. Sou o ponto de partida da mudança a minha vida inteira, assim como Angela Davis. Como indivíduos, cada um de nós, influencia o mundo.

### Autoria própria

Angela Davis desde muito jovem decidiu construir uma história bem diferente do script escrito pelos americanos racistas da Klu-Klux-klan que, com o rosto escondido em capuzes brancos, aterrorizavam, queimavam e matavam pessoas negras e seus defensores, pelo simples fato de existirem.

Angela Yvonne Davis nasceu no Alabama, um dos estados mais preconceituosos do sul dos Estados Unidos, em 26 de janeiro de 1944, na cidade de Birmingham. Desde cedo conviveu com humilhações racistas. Mas participou de intercâmbio colegial e conseguiu uma bolsa de estudos para estudantes negros sulistas em escolas integradas do norte do país, o que a levou a estudar em Nova York. E depois em Massachusetts, Paris (França) e Frankfurt (Alemanha).

A Filosofia, o Comunismo e a luta pelos direitos de mulheres, negros e pessoas encarceradas são as marcas de toda sua vida. Isso antes mesmo de ela, injustamente, passar 18 meses presa.

A truculência do governo americano "apresentou" Angela Davis - mulher negra jovem, bonita, culta, politizada, comunista assumida - para brancos e negros de todo o mundo que se uniram em um movimento de solidariedade internacional, levantando fundos para sua defesa.

John Lennon e Yoko Ono lançaram a música "Angela" em sua homenagem e os Rolling Stones gravaram "Sweet Black Angel", cuja letra falava de seus problemas legais e pedia sua libertação.

Angela Davis é um ícone do movimento negro e de mulheres. Ainda hoje, dedica-se à vida acadêmica e à pesquisa sem deixar de ser ativista. Um de seus mais recentes trabalhos é "O Legado do Blues e o Feminismo Negro", que enfoca a consciência feminista emergente no trabalho das primeiras mulheres do blues.

Tânia Regina Pinto





Saí comovido do cinema após assistir ao documentário *Illegal* (Brasil, 2014, 90min) de Raphael Erichsen e Tarso Araújo. Alguns pensarão que meu sentimento se origina por eu ter familiares com algum tipo de síndrome que provoca ataques epiléticos, uma vez que o filme, de forma geral, aborda pessoas com esse tipo problema. Mas a questão não é exatamente essa. Na realidade, minha identificação ocorre pelo prisma da educação e pelo meu lado humanista, porque na escola onde trabalho como professor/coordenador pedagógico há cerca de oitenta alunos com alguma deficiência.

Antes de eu assistir ao documentário, comentei com um amigo que o veria. Ele mencionou que esse é o tipo de filme jornalístico como tantos outros já realizados no Brasil. Eu não vejo nenhum problema em filmes com tom jornalístico. Um documentário informativo e problematizador como *Illegal* é determinante por levantar questões que nos tocam enquanto sociedade, como a polêmica sobre o uso do que se denomina *cannabis sativa*, a maconha medicinal, a fim de diminuir/zerar convulsões e tornar menos sofrida a vida de pessoas epiléticas e/ou com algum tipo de deficiência. A meu ver, esse é um dos temas do filme: viver da forma mais digna e amena possível, especialmente sendo um deficiente. O filme, ao abordar esse tema de forma séria e não estereotipada, nos permite refletir sobre a descriminalização da maconha medicinal e de uma série de questões espinhosas que começam a ser levantadas na sociedade de hoje.

No documentário em foco, a maioria dos casos abordados é de crianças que têm doenças raras que as fazem convulsionar diversas vezes em um dia. Isto é o que acontece com Anny Fischer, portadora da síndrome de CDKL5 - problema genético causador de epilepsia grave -, que tem 1 convulsão a cada 2 horas. A matriz de *Illegal* é um projeto conhecido como *Repense* (\*), que discute a conscientização do uso da maconha medicinal, como também um curta-metragem documental (disponível no youtube), realizado pelos mesmos diretores do longa, que narra a batalha de Anny e sua mãe, Katiele Fischer, para que consiga ter o direito de tomar seu remédio a base da *cannabis*. Segundo Katiele, sua filha chega a ter 60 convulsões semanais. Número surreal para qualquer ser vivo, porque quem já viu alguém convulsionar, sabe que é uma experiência dolorosa de descarga de energia e força, fazendo com que, ao término da convulsão, a pessoa se sinta um trapo roto.

Katiely, com o propósito de amenizar as convulsões de sua filha, começa a travar uma briga judicial com a Anvisa, dado que esta

impede a entrada no Brasil do medicamento CBD, cannabidiol, que, se tomado por Anny, chega a zerar suas crises convulsivas. No sentido de provar como esse medicamento é benéfico à menina, seu marido e ela elaboram gráficos comparando períodos em que Anny toma o remédio e períodos em que fica sem ele. A conclusão a que se chega é que o remédio é mais benéfico do que maléfico. Outros casos de crianças são abordados no filme - tão graves quanto os de Anny -, desembocando em um grupo de mães - grupos são fortes e propõe mudanças - que exigem da Anvisa a liberação de medicamentos à base de maconha medicinal a seus filhos. Contudo, esbarram na burocracia e no conservadorismo brasileiros. É insano como as instâncias são herméticas e não se importam com o ser humano que precisa de um medicamento. Katiely, em uma cena, enuncia que o tempo da Anvisa não é o tempo de sua filha, pois a menina não pode esperar tanto tempo por um medicamento. Enunciado brilhante para entendermos a burocracia de vários órgãos brasileiros.

Infelizmente, os membros da Anvisa não liberam o uso da maconha medicinal. Anny conseguiu essa liberação, mas muitos brasileiros ainda não, de modo a não permitir que médicos brasileiros receitem esse medicamento a seus pacientes porque se o fizerem poderão perder seu CRM. Ou melhor: se um médico não pode receitar um medicamento, um paciente não pode importá-lo e usá-lo. Círculo vicioso cruel! Para mim, se um remédio feito a partir da maconha pode tornar a vida de uma pessoa com deficiência melhor, por que não prescrevê-lo? Há um retrocesso por trás da não prescrição de um remédio como esse, porque a sociedade brasileira, de forma geral, é conservadora. Além do mais, existe um mercado farmacêutico que não vê com bons olhos o uso de um medicamento quase natural como a maconha medicinal reduzindo as crises convulsivas, como é abordado no filme.

É interessante que no documentário há, também, o caso de uma mulher, que tem problemas na coluna e dificuldade para andar. Ela faz, então, uso da maconha para aliviar suas dores. Narra que seus vizinhos viram o rosto para ela por sentirem o cheiro da erva saindo de seu apartamento. Não percebem o ser humano que está ali, a mulher, a mãe, enfim... apenas julgam "a maconheira". Nesse momento, importante dizer que no Uruguai, o sábio presidente Mujica liberou o uso da maconha - 40 gramas por mês para cada habitante - que pode ser comprada em farmácias. Será que os brasileiros não percebem a importância dessas atitudes? Por que não olhar para os lados e refletir sobre o tema? Não se nota que um ser humano ao usar uma substância poderá ter uma vida mais digna? Dignidade e justiça são os temas que entrelaçam os diversos relatos de *Illegal*. Legalizemos!

Marcos Peter Pinheiro Eça

P.S.: Na programação da Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, haverá uma exibição de *ILEGAL* na parte externa do auditório do Parque do Ibirapuera no próximo dia 31 de outubro às 21:00. Imperdível!

(\*) (<http://www.catarse.me/pt/REPENSE>)

#### Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma / Marcos Paulino  
E-mail: [claudiamogadouro@gmail.com](mailto:claudiamogadouro@gmail.com)

#### FUNDO FINANCEIRO DO GRUPO CINEMA PARADISO

A doação voluntária, para as despesas anuais pode ser feita em qualquer valor, mas pedimos que, ao depositar, nos avise no e-mail: [estherstiel12@gmail.com](mailto:estherstiel12@gmail.com) A conta de poupança é:  
Banco: Caixa (104), ag. 0239, op. 013, nº da conta 8247-5

### COTAÇÃO 2014

<i>O Menino e o Mundo</i> .....	9,50
<i>O Melhor Lance</i> .....	9,38
<i>O Pequeno Fugitivo</i> .....	9,18
<i>Mais um Ano</i> .....	9,14
<i>Ela</i> .....	9,13
<i>A Grande Beleza</i> .....	8,93
<i>Getúlio</i> .....	8,70
<i>O Mercado de Notícias</i> .....	8,63
<i>12 Anos de Escravidão</i> .....	8,60
<i>Pais e Filhos</i> .....	8,52
<i>Hoje eu quero voltar sozinho</i> .....	8,47
<i>Era Uma Vez em Nova York</i> .....	7,70